

Panel 8: Responses to Trauma

1. Daniel Worden, Rochester Institute of Technology [dxwind@rit.edu]

True Crime: The Documentary Aesthetics of Maggie Nelson and Taryn Simon

“True Crime” as a genre traffics in gendered tropes—the murderous husband, the young woman under the spell of a charismatic killer, the manipulative wife, and the alienated male adolescent, to name a few. Indeed, in *The Journalist and the Murderer*, Janet Malcolm found in Joe McGinniss’s relationship with the convicted murderer Jeffrey MacDonald evidence that journalists often rely on genre tropes to fabricate compelling true crime narratives when none may exist. In this talk, I will explore how a contemporary writer, Maggie Nelson, and a contemporary photographer, Taryn Simon, have sought to represent crime in a way that avoids the genre tropes ubiquitous in “true crime” stories. Instead, Nelson’s *Jane, A Murder* and Simon’s *The Innocents* develop modes of interrogating the often gendered and racial types that have both become concretized in “true crime” and had real effects in the criminal justice system. In so doing, Nelson and Simon both build on the history of documentary experimentation since the 1960s, and refine their documentary styles to emphasize not the closure we usually expect from “true crime” (the final sentencing or execution of the criminal), but the uncertainty and open-endedness that often results both from crime and the uneven, often unjust processes of the justice system. In their documentary works, victims, criminals, and innocents are represented not as types to be grounded in the rhetoric of journalistic truth, but as lives rewritten, overwritten, and exploited by crime.

Crime Verdadeiro: A Estética Documental de Maggie Nelson e Taryn Simon

"Crime Verdadeiro", como um gênero, trafega com aspectos de gênero - o marido matador, a jovem mulher sob o encanto do assassino carismático, a esposa manipuladora, e o adolescente alienado, para citar alguns. De fato, em *The Journalist and the Murderer*, Janet Malcolm encontrou no relacionamento de Joe McGinniss com o convicto assassino Jeffrey MacDonald evidência de que jornalistas frequentemente dependem de aspectos de gênero para fabricar narrativas de crime verdadeiro atraentes quando possivelmente nenhuma exista. Nesta conversa, eu explorarei como uma escritora contemporânea, Maggie Nelson, e um fotógrafo contemporâneo, Taryn Simon, buscaram representar o crime de uma maneira que evite tropos de gênero ubíquos em histórias sobre “crime verdadeiro”. Como alternativa, *Jane, A Murder* de Nelson e *The Innocents* de Simon desenvolvem maneiras de interrogar os frequentes tipos raciais e de gênero que já se tornaram concretizados em “crime verdadeiro” e tiveram efeitos reais no sistema criminal de justiça. Ao fazerem isso, ambos Nelson e Simon construíram a história de experimentação documental desde a década de 1960, e refinaram seus estilos documentais para enfatizar não o final que geralmente esperamos de “crime verdadeiro” (a sentença final ou execução do criminoso), mas a incerteza e o final aberto que geralmente resultam do crime e da desigualdade, frequentemente processos injustos do sistema de justiça. No documentário deles, trabalhos, vítimas, criminosos e inocentes são representados não como tipos a serem aterrados na retórica da verdade jornalística, mas como vidas reescritas, demasiadamente escritas, e exploradas pelo crime.

[Traduzido por Juliana Geizy Marques de Souza - julianamrqs0@gmail.com]

Daniel Worden teaches in the School of Individualized Study at the Rochester Institute of Technology. He is the author of the award-winning book *Masculine Style: The American West and Literary Modernism*, the coeditor of *Oil Culture and Postmodern/Postwar—and After: Rethinking American Literature*, and the editor of *The Comics of Joe Sacco: Journalism in a Visual World*. He is currently writing a book about documentary media since the 1960s.

2. Gina Snooks, Western U [gsnooks@uwo.ca]

Trauma, Testimony, and the Art of Healing Through Auto/biographical Photography

In this paper, I examine auto/biographical photography as a medium through which to theorize women's experiences of sexual trauma and the potential healing power of sharing personal stories. In doing so, I align with scholars who propose that auto/biographical photography is a performative act that offers a way to explore aspects of selfhood that may be rooted in difficult and/or traumatic experiences (Spence 1995, Nuñez 2013, Shaughnessy 2015). My central focus in this paper is to investigate what auto/biographical photography reveals about the relationship between embodied subjectivity and the affect of trauma. Auto/biographical photography, in this context, can be understood as a form of trauma art. To that point, Jill Bennet claims that trauma art functions as a “catalyst for critical inquiry or deep thought” (2005, 7), which I argue can be healing and empowering for some women who have experience sexual trauma. It is, therefore, the effectiveness of auto/biographical photography to reveal something of the subject's experiences of trauma that makes this art form particularly important in the scope of auto/biography and trauma studies. To frame my argument, I draw upon my experience as a photographer who has worked with women to make photographs as a way to grapple with experiences of sexual trauma as well as with women to process difficult emotions regarding body image. For this reason, I located my work within the nexus of auto/biography studies, trauma studies and feminist theories of embodiment. More to the point, I am interested in the ways in which auto/biographical photography might enable us to better understand the “embodied, performative and intersubjective” (Jones 1998, 39) experiences of women whose lives have been affected by trauma.

Bennett, Jill. *Empathic Vision: Affect, Trauma, and Contemporary Art*. Stanford: California, 2005. Print.

Jones, Amelia. *Body Art: Performing the Subject*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998. Print.

Nuñez, Cristina. “The Self-Portrait as Self-Therapy.” *Phototherapy and Therapeutic Photography in a Digital Age*. Ed. Del Loewenthal. London and New York: Routledge, 2013. Print.

Shaughnessy, Nicola. *Applying Performance: Live Art, Socially Engaged Theatre and Affective Practice*. London: Palgrave Macmillan, 2015. Print.

Spence, Jo. *Cultural Snipping: The Art of Transgression*. London and New York: Routledge, 1995. Print.

Trauma, testemunho e a arte da cura através da fotografia (auto)biográfica

Neste artigo, examino fotografia (auto)biográfica como um meio pelo qual teorizar as experiências de trauma sexual das mulheres e o potencial poder de cura de compartilhar histórias pessoais. Desta forma, alinho-me a teóricos que propõem que fotografia (auto)biográfica é um ato performativo que oferece uma maneira de explorar aspectos do ser que podem estar enraizados em experiências difíceis e/ou traumáticas (Spence 1995, Nuñez 2013, Shaughnessy 2015).

Meu foco central neste artigo é investigar o que a fotografia (auto)biográfica revela sobre a relação entre subjetividade corporificada e a influência do trauma. A fotografia (auto)biográfica, neste contexto, pode ser compreendida como uma forma de arte de trauma. A este ponto, Jill Bennet afirma que arte de trauma funciona como um “catalisador para questionamento crítico ou pensamento profundo” (2005, 7), o que argumento ser possibilidade de cura e empoderamento para algumas mulheres que passaram por um trauma sexual. É, portanto, a efetividade da fotografia (auto)biográfica em revelar algo das experiências de trauma de um indivíduo que faz desta forma de arte particularmente importante no escopo dos estudos de (auto)biografia e trauma.

Para estruturar meu argumento, faço uso de minha experiência como fotógrafa que tem trabalhado mulheres para fotografar como uma maneira de lutar com as experiências de trauma sexual assim como para que as mulheres processem emoções difíceis em relação à imagem corporal. Por este motivo, localizo meu trabalho na linha dos estudos (auto)biográficos, estudos de trauma e teorias feministas de corporificação. Atendo-me à questão, estou interessada nas maneiras pelas quais fotografia (auto)biográfica pode nos possibilitar um melhor entendimento das experiências “corporificadas, performativas e intersubjetivas” (Jones 1998, 39) de mulheres cujas vidas têm sido afetadas pelo trauma.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - oliveiralucasvictor@gmail.com]

Gina Snooks is a PhD student in the Department of Women’s Studies and Feminist Research Western University, London Ontario Canada. Her doctoral research focuses on auto/biographical photography as a medium through which to explore women’s experiences of trauma and the potential healing power of storytelling.

3. Amanda Spallacci, U of Alberta [spallacc@ualberta.ca]

Trauma and Testimony: Deconstructing Sexual Violence Narratives in Contemporary Memoir

According to Marlene Kadar, life writing has developed from a genre to a critical practice, and as a result, “we are able to reconsider the possible functions of life writing now” (11). My paper explores how rape survivors use different forms of life writing to challenge assumptions about sexual violence. Rape myths that constitute rape culture tend to displace the blame for the assault away from the rapist and onto the survivor, using blaming tactics involving “inappropriate”

dress, substance use, the survivors' relationship to the perpetrator, and the very definition of rape. These pervasive beliefs about the culpability and guilt about women who are raped are largely responsible for the lack of respect survivors experience in the court system. As literary and film scholars, we should ask: to what extent do our narrative practices influence rape culture? Conventional narrative techniques restrict survivor's testimony; however, life writing about trauma resists these oppressive structures, provides a creative outlet for survivors to identify and refute dominant ideologies about violence which have, in the past, prevented them from understanding or identifying with their assault, and allow the survivor to reclaim a sense of political agency within this precarious situation (Gilmore 1994; Henke; Hesford; Morrison). I will consider textual memoir and film such as: Sil Lai Abrams's *Black Lotus: A Women's Search for Racial Identity*, Aspen Matis's *Girl in the Wood*, Jessica Valenti's *Sex Object*, and Kirby Dick's *The Hunting Ground*.

Briefly, I will address how the survivor's body influences personal testimony. This will speak to the recent criticism that scholars tend to ignore, that is to say, how the body factors into life writing and affects the types of narratives people can tell (Smith & Watson 51). Then, I will engage with both literary and clinical theories of trauma to explore how personal narratives of sexual violence resist the myths that have been used to subjugate survivors. Leigh Gilmore states that personal testimony has a "structural entanglement with the law" (*Trauma and Testimony* 7); historically, the law has exploited memory gaps caused by trauma (Freyd 1998), the way survivors react to trauma (Herman 2003; Lonsway 2009; Lisak; Schwab), nonlinear recollections of trauma (Herman 1997), and cultural rape myths (Hesford; Heberle; Gilmore 2001), in order to discredit survivors' testimony. Wendy Hesford insists that "strategies of appropriation can subvert dominant rape scripts even if they establish complicity with them" (19). I will analyze the way survivors re-appropriate elements of trauma and rape culture into their narratives, as a form of resistance against the long standing practice of silencing and discrediting survivors' testimony, and as a means of reasserting their political agency.

Freyd, Jennifer. *Betrayal Trauma: The Logic of Forgetting Childhood Abuse*. Harvard University Press, 1998.

Gilmore, Leigh. *The Limits of Autobiography: Trauma and Testimony*. Cornell University Press, 2001.

---. *Autobiographics: Feminist Theory of Women's Self Representation*. Cornell University Press, 1994.

Heberle, Renee. "Deconstructive Strategies and the Movement Against Sexual Violence." *Hypatia*, vol. 11, no. 4, 1996, pp. 63-76, <http://www.jstor.org/stable/3810392>. Accessed 13 Nov. 2015.

Henke, Suzette A. *Shattered Subjects: Trauma and Testimony in Women's Life-Writing*. St. Martin's Press, 1998.

Herman, Judith Lewis. "The Mental Health of Crime Victims." *Journal of Traumatic Stress*, vol. 16, no. 2, April 2003, pp. 159-167.

---. *Trauma and Recovery*. Basic Books, 1997.

Hesford, Wendy. "Rape Stories: Material Rhetoric and the Trauma of Representation." *Haunting Violations: Feminist Criticism and the Crisis of the "Real,"* edited by Wendy Hesford, Wendy Kozol, University of Illinois Press, 2001, pp. 13-46.

Kadar, Marlene. "Coming to Terms: Life Writing." *Essays on Life Writing: From Genre to Critical Practice*. University of Toronto Press, 1992, pp. 1-16.

Lisak, David, et al. "False Allegations of Sexual Assault: An Analysis of Ten Years of Reported Cases," *Violence Against Women*, vol. 16, no. 12, 2010, pp. 1318-

Lonsway, Kimberly A., et al. "False Reports: Moving Beyond the Issue to Successfully Prosecute Non-Stranger Sexual Assault." *The Voice*, vol. 3, no. 1, 2009, pp. 1-11.

Morrison, Toni. "The Site of Memory." *Crucial Conversations: Interpreting Contemporary American Literary Autobiographies by Women*, edited by Jeanne Braham, Teachers College Press, 1995, pp 68-87.

Schwab, Gabriele. *Haunting Legacies: Violent Histories and Transgenerational Trauma*. Columbia University Press, 2010. Columbia University Press, 2010.

Smith, Sidonie, and Julie Watson. *Reading Autobiography*. 2nd ed., University of Minnesota Press, 2010.

Trauma e testemunho: desconstruindo narrativas de violência sexual nas memórias contemporâneas

De acordo com Marlene Kadar, a escrita da vida se desenvolveu de um gênero para uma prática crítica, e como resultado, "somos capazes de reconsiderar as possíveis funções da escrita da vida agora" (11). Meu artigo explora como sobreviventes de estupro usam diferentes formas de escrita da vida para desafiar suposições sobre violência sexual. Mitos sobre estupros que formam a cultura do estupro tendem a remover a culpa pelo assédio dos estupradores e relocar essa culpa para os sobreviventes, utilizando-se de táticas de culpabilização envolvendo vestidos "inapropriados", uso de substâncias, a relação da vítima com o criminoso e a própria definição de estupro. Essas crenças penetrantes sobre a culpabilidade e responsabilidade sobre as mulheres que são estupradas são enormemente responsáveis pela falta de respeito que os sobreviventes enfrentam no sistema judicial. Como estudantes de cinegrafia e literatura, devemos questionar: a que ponto nossas práticas narrativas influenciam a cultura de estupro? Técnicas narrativas convencionais restringem o testemunho do sobrevivente; entretanto, a escrita da vida sobre o trauma resiste a essas estruturas opressivas e oferece uma saída criativa para os sobreviventes identificarem e refutarem ideologias dominantes sobre violência que, no passado, impediram-nos de entender ou de se identificar com seus assédios, além de permitir ao sobrevivente reivindicar um sentido de agência política dentro dessa situação precária (Gilmore 1994; Henke; Hesford; Morrison). Considerarei memórias textuais e filmes como: 'Black Lotus: A Women's Search for Racial Identity', de Sil Lai Abrams; 'Girl in the Wood', de Aspen Matis; 'Sex Object', de Jessica Valenti; e 'The Hunting Ground', de Kirby Dick.

Brevemente, tratarei de como o corpo do sobrevivente influencia o testemunho pessoal, conversando com recentes críticas que estudantes tendem a ignorar, ou seja, como o corpo age como um fator na escrita da vida e afeta os tipos de narrativas que as pessoas podem contar (Smith&Watson 51). Em seguida, abordarei teorias literárias e clínicas sobre trauma para explorar como narrativas pessoais de violência sexual resistem aos mitos que têm sido usados para subjugar sobreviventes. Leigh Gilmore afirma que o testemunho pessoal tem um “enredamento estrutural com a Lei” (‘Trauma and Testimony’ 7); historicamente, a lei tem explorados lacunas de memória causadas por traumas (Freyd 1998), o modo como os sobreviventes reagem ao trauma (Herman 2003; Lonsway 2009; Lisak; Schwab), lembranças não lineares de trauma (Herman 1997) e mitos culturais sobre estupro (Hesford; Heberle; Gilmore 2001), objetivando desacreditar o testemunho dos sobreviventes. Wendy Hesford insiste que “estratégias de apropriação podem subverter roteiros de estupro mesmo que estabeleçam cumplicidade com eles” (19). Analisarei a maneira como os sobreviventes se reapropriam de elementos do trauma e da cultura de estupro nas suas narrativas, como uma forma de resistência contra a prática de longa data de silenciar e tirar a credibilidade dos testemunhos dos sobreviventes e como um meio de reafirmar sua agência política.

[Traduzido por Juliana Geizy Marques de Souza - julianamrqs0@gmail.com]

Amanda Spallacci is a first year PhD student in the Department of English and Film Studies, where she studies under Dr. Julie Rak, and her dissertation is titled “Deconstructing Rape Narratives.” Amanda published a blog post on the IABA SNS website, and contribution to the SNS Forum in the special issue of *a/b: Auto/Biography Studies*, “What’s Next?” (Spring 2017). Both pieces explore sexual assault narratives as they appear in auto/biography genre.